

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DA DEPENDÊNCIA DE DROGAS EM UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA DO GÊNERO FEMININO NA CIDADE DE SETE LAGOAS-MG.

Leonardo Gomes Silva¹
Laura Freire de Andrade²

RESUMO

Em todos os períodos da humanidade verifica-se o uso de drogas em seus mais variados formatos, objetivos e funções. As pessoas podem usar, abusar ou se tornar dependente das drogas, pois há muitas maneiras de se estabelecer uma “relação” com as mesmas. O consumo constante de substâncias psicoativas é uma condição física e psicológica que possui causas multifatoriais que representa um problema grave de saúde pública. Além disso, os prejuízos, para o sujeito dependente são significativos em muitos aspectos de sua vida tais como sua saúde física e psíquica, problemas nas relações familiares, perda de emprego, abandono, perda de vínculos de amizade entre outros. As Comunidades Terapêuticas são um dos dispositivos existentes para o tratamento e reinserção dos dependentes de drogas. Esta pesquisa objetivou identificar as contribuições da psicologia no tratamento da dependência de drogas realizado em uma Comunidade Terapêutica do gênero feminino para as mulheres internas em diferentes períodos de tratamento. Como metodologia para a realização da pesquisa, optou-se pela pesquisa qualitativa, com entrevistas semi-estruturadas realizadas com cinco mulheres internas. Nesta pesquisa não houve critérios específicos para a escolha das entrevistadas, apenas a disponibilidade das mesmas em ser entrevistadas voluntariamente. Os dados foram submetidos à análise de conteúdo, verificando as evidências do material coletado e dividido em três categorias, biológica, psicológica e social. O processo psicoterapêutico tem grande influência na adesão ao tratamento, possibilitando à interna o encontro consigo mesma.

Palavras-Chave: Dependência de drogas, comunidade terapêutica e psicologia.

ABSTRACT

In all periods of humanity there is the use of drugs in its most varied forms, objectives and functions. People can use, abuse or become addicted to drugs, as there are many ways to establish a "relationship" with them. The constant consumption of psychoactive substances is a physical and psychological condition that has multifactorial causes that represents a serious problem of public health. In addition, impairments to the dependent subject are significant in many aspects of his life such as his physical and mental health, problems in family relationships, loss of employment, abandonment, loss of bonds of friendship, among others. The Therapeutic Communities are one of the existing devices for the treatment and reinsertion of drug addicts. This research aimed to identify the contributions of psychology in the treatment of drug dependence performed in a Therapeutic Community of the female gender for the internal women in different periods of treatment. As a methodology for conducting the research, we chose qualitative research, with semi-structured interviews with five internal women. In this research there were no specific criteria for the interviewees' choice, only the availability of those interviewed voluntarily. The data were submitted to content analysis, verifying the evidences of the material collected and divided into three categories, biological, psychological and social. The psychotherapeutic process has a great influence in the adherence to the treatment, allowing the internal the encounter with itself.

Keywords: Drug dependence, therapeutic community and psychology.

¹ Graduando em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG; email: leonardo.montich@yahoo.com.br

² Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; Docente da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG; e-mail: laurafreire.8@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade, o homem sempre fez uso de alguma substância psicoativa, que pode ser considerado como fundamental para sobrevivência. Na atual sociedade, registra-se o crescimento dos centros urbanos, exploração de capitais consumistas, mortalidade por epidemias diversas o que implica na construção de valores histórico-culturais. Horizontalmente, atrelado ao consumo destas substâncias, a sociedade contemporânea reduz a importância dos problemas estruturais vigentes, como pobreza, violência e desigualdade, exercendo a função de driblar os problemas de estruturação. O uso, por via de regulamentação biológica ou sobre forma de prescrição, nada difere para os danos causados em detrimento do abuso e a relação de dependência estabelecida pelo usuário. A dependência de drogas afeta de maneira profunda amplos aspectos da vida das pessoas que as utilizam e dos grupos nos quais elas estão inseridas (MEDEIROS, 2014).

Segundo Simara (2014), a relação que o sujeito estabelece com a droga tem amplos significados a depender do contexto da sua inserção. O uso de substância psicoativa como forma de expressão, está historicamente presente na vida humana. O contexto sócio histórico e econômico pode favorecer o uso de substâncias psicoativas. Influências biológicas, sociais, culturais, familiares e psicológicas contribuem para a dependência de drogas e o sujeito dependente de drogas pode alterar sua percepção a partir do uso como forma de fuga da realidade.

Diante deste quadro, o presente trabalho se propôs a analisar os impactos causados pela dependência de drogas para mulheres em situação de internação em uma comunidade terapêutica na cidade de Sete Lagoas, bem como realizar intervenções grupais com as internas da comunidade terapêutica e apontar as contribuições da psicologia a partir das intervenções realizadas. Segundo Pacheco e Scisleski (2013), na comunidade terapêutica, os sujeitos envolvidos debatem a importância de partilhar entre si, compartilhando experiências e sentimentos, pois a partir das trocas de vivências podem aprender sobre seus próprios comportamentos.

A comunidade terapêutica tem por função a oferta de ambiente protegido, de técnicas que são eticamente orientados, enquadrado na Portaria nº 3088/2011 que normatiza estas instituições. Nestes espaços busca-se fornecer suporte e tratamento aos usuários abusivos, num período mínimo de nove meses, conforme o programa terapêutico adaptado às necessidades de cada caso. Os principais instrumentos terapêuticos disponíveis nas Comunidades são a convivência entre pares, oficinas laboroterápicas, trabalho, disciplina e

espiritualidade. As ferramentas utilizadas pretendem resgatar a cidadania, buscando encontrar novas possibilidades de reabilitação física, psicológica e de reinserção social.

A necessidade de pesquisar esse universo surgiu pela peculiaridade da temática para o pesquisador e pelo interesse em compreender a funcionalidade de alguns comportamentos de pessoas com dependência de drogas, bem como lidar com os mesmos. Além disto, este trabalho visa trazer novos conhecimentos para a comunidade científica, uma vez que ainda existem poucas referências científicas que retratem intervenções com mulheres em situação de internação em Comunidade Terapêutica. A pergunta norteadora propõe-se explorar quais as contribuições da psicologia no tratamento de mulheres em situação de internação em uma comunidade terapêutica? Neste sentido, foram utilizadas técnicas da psicologia na construção do conhecimento a fim de possibilitar melhores condições de saúde às internas desta Comunidade Terapêutica pesquisada.

A metodologia utilizada é de natureza descritiva, pois foram descritos os impactos causados pela dependência de drogas. Quanto aos fins trata-se de um estudo qualitativo, uma vez que se analisou e interpretou aspectos específicos inerentes a dependentes de drogas assim como, as contribuições da psicologia através das intervenções em grupo. Quanto aos meios foi realizado um estudo de caso, pois se refere ao levantamento aprofundado de um caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos (MARCONI; LAKATOS, 2009).

Conhecendo os diversos fatores desencadeantes da dependência de drogas, o profissional em psicologia, imerso na realidade da vivência em Comunidade Terapêutica, oferece prestação de serviço à comunidade e diretamente voltado aos dependentes de drogas. Desta maneira, o domínio de técnicas orientadas para o manejo de atividades individuais e em grupos, especificamente voltadas para esta população são fundamentalmente viáveis no plano estratégico interventivo. Assim, pode-se concluir que a promoção de saúde na Comunidade Terapêutica é possível dentro da condição individualizada de cada interna.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O ser humano, historicamente, sempre fez uso de alguma substância psicoativa, por motivos recreativos, ritos religiosos, culturais, com finalidades distintas tais como pertencimento, laços sociais, como elemento transgressor e até mesmo para enfrentamento de problemas sociais e pessoais. Para Simara (2014), a depender do contexto, a relação do sujeito com a droga pode ser inofensiva, sem que haja prejuízos significativos ou problemáticos em decorrência do uso e/ou do abuso. O que diferencia o uso e o abuso é a frequência do

consumo e os danos sociais relacionados. Porém, em casos que a dependência de drogas ocorre, os prejuízos se tornam significativos (VENOSA, 2011).

Segundo Dagnoni e Garcia (2014), a entrada em grupos sociais de risco, está condicionada a práticas e comportamentos associados ao uso de drogas. Desta maneira, a influência direta de amigos em atividades delituosas provém da aceitação dos grupos sociais. Posteriormente, com a manutenção do consumo de drogas, os amigos diminuem até restringir-se ao convívio familiar. O dependente de drogas, limitado ao sistema familiar estabelece com os entes, uma relação de co-dependência e a família enferma enfrenta dificuldades ao lidar com a situação (HERZOG; WENDLING 2013).

No estudo de Marangoni e Oliveira (2013), há indicação que os fatores desencadeantes para iniciação ao uso de alguma substância psicoativa em mulheres, estão diretamente relacionados a características individuais. Entre os fatores, pode-se destacar a baixa faixa etária, baixo grau de escolaridade, conflitos familiares e acesso direto à droga no meio cultural em que estas mulheres estão inseridas. Com isso pode-se verificar que o círculo de amizades pode favorecer o comportamento adicto, pouco ou frágil vínculo afetivo e dinâmica familiar inapropriada.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera a dependência de drogas como uma “doença crônica e recorrente”. Segundo Andretta (2011), o consumo abusivo de drogas constitui um problema de saúde pública, que deteriora as instâncias sociais, emocionais, políticas e pessoais, preocupando toda a sociedade. As políticas públicas vigentes tratam a temática priorizando a Redução de Danos como estratégias de intervenção nas mais variadas relações de usos, abusos e dependência. Segundo Rodrigues e Max (2012, p. 01) “[...] o usuário acaba sendo visto como um doente ou marginal”. Para que se abandonem estes estereótipos, o foco do tratamento nas políticas de saúde é o sujeito acometido pela dependência de drogas e não a droga em si.

A CID 10 (Classificação Internacional de Doenças) classifica a síndrome de dependência de drogas pela presença de um “[...] agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos” (1993, p. 74), indicando que o sujeito mesmo apresentando problemas físicos, jurídicos, psicológicos e familiares, em decorrência da droga, continua utilizando uma determinada substância psicoativa. A dependência de drogas sobrepõe o uso recreativo, o abuso e estabelece assim, com o indivíduo dependente, a prioridade do consumo da droga na maior parte do tempo sem que haja qualquer controle. Desta forma, a manifestação dos sintomas da dependência de drogas advém dos prejuízos biológico, psicológico, social e financeiro.

Para o quadro diagnóstico estabelecido no CID 10 é necessário que ocorra três ou mais sintomas em algum momento, a saber: a) compulsão forte em consumir a substância; b) problemas em controlar o comportamento no consumo, quantidade ou tempo de prevalência; c) período de abstinência; d) aumento gradativo das doses para atingir o efeito esperado, relação de tolerância; e) abandono acentuado de atividades prazerosas e aumento de empenho para adquirir a substância; f) mesmo depreciado por danos gerais persiste no consumo da substância psicoativa (CID 10, 1993 p. 74-75).

Os conselhos de psicologia manifestam posicionamento contrário à internação compulsória ou qualquer tipo de institucionalização que não forneçam ambiente propício para o tratamento. Como é o caso do Conselho Regional de Psicologia São Paulo (CRPSP), que denuncia aspectos ilegais e inconstitucionais declarados na Resolução nº 20/20113. As críticas se referem ao Relatório da 4ª Inspeção Nacional de Direitos Humanos: locais de internação para usuários de drogas (CFP, 2011), tal qual expõe uma série de violações de direitos como o desrespeito a cidadania dos usuários, interceptação e violação de correspondência, imposição de credo, intimidações, violação de privacidade, entre outros.

Os princípios morais e valores em detrimento do comportamento adicto torna-se uma característica importante na identificação do problema. Para Gabatz (2013), a entrada ao uso, abuso e da dependência de drogas está relacionado ao acesso social ou econômico fácil, à carga excessiva no estudo e trabalho, ao estresse e ao desconhecimento da possibilidade de dependência de drogas. Assim, as implicações do comportamento no arranjo pessoal transformam-se em prejuízos na esfera global do sujeito. Isso se tratando da conjuntura dos padrões sociais, esperados na concepção de gênero, conota atributo de instabilidade e subserviência.

A condição de gênero representa para as mulheres dependentes de drogas, uma construção social ideológica, relações de segregação e opressão às quais estão submetidas. De acordo com Prado e Queiroz (2012), o reconhecimento dos lugares de fragilidade e insuficiências do papel da mulher, mantém influências históricas a elas atribuídas. A dependente de drogas, estigmatizada e taxada de marginal é carregada de perdas, sejam elas, pessoais, profissionais e de vínculos familiares. Neste sentido, nas mulheres a dependência de drogas pode estar relacionada a problemas intrapsíquicos. Carbonera *et. al* (2013), percebem nas últimas décadas um aumento notório de mulheres que consomem algum tipo de substância psicoativa em relação a homens e que as comorbidades nas mulheres são mais graves.

De acordo com Perrone (2014), na segunda metade do século passado, emergiu a

proposta das Comunidades Terapêuticas, que em seguida se tornaram modelo de referência para atendimento de dependentes de drogas. A terminologia sobre Comunidade Terapêutica foi criada na Inglaterra, surgindo por volta do ano de 1959, fato característico e coincidente com a Reforma Psiquiátrica. Estes dispositivos possuem princípios fundamentais de trabalho, voltados para a autoajuda e ajuda mútua, proporcionando o convívio e elementos de regime institucional em vida comunitária (PRADO; QUEIROZ 2012).

Na atualidade, a Comunidade Terapêutica é uma instituição de acolhimento e tratamento para sujeitos em situação de dependência de drogas. A maioria das Comunidades Terapêuticas é localizada em fazendas, sítios ou chácaras, podendo ainda ser em espaços menores como em casas, onde são realizados os tratamentos aos dependentes. A organização e manutenção destes espaços podem ser realizadas por pessoas que já enfrentaram e superaram a dependência de drogas, bem como da comunidade científica, religiosa ou pelos órgãos não governamentais e também governamentais. Como programa de internação em tempo integral, por um período de permanência de nove meses de tratamento, a instituição, neste modelo, oferece atividades de artesanato, confeitaria, cuidados realizados com os animais, horta comunitária, além de outros afazeres como cozinhar, lavar roupas, oficina de oração, atendimento médico e psicológico, orações e estudo bíblico (RIBEIRO, 2015).

Nesta modalidade, percebe-se através de pesquisas, melhoras no funcionamento biopsicossocial em termos de estruturação da personalidade (SCADUTO *et al.*, 2014). Segundo Pacheco e Scisleski (2013) na Comunidade Terapêutica, o momento da terapia de grupo, os sujeitos envolvidos debatem a importância de partilhar entre si, compartilhando experiências e sentimentos tais como medos, angústias, expectativas e problemas semelhantes, pois a partir das trocas de vivências podem aprender sobre seus próprios comportamentos. As intervenções como o reconhecimento de si mesmo e a reflexão têm sido empregadas como técnicas complementares aos tratamentos existentes no sentido de melhorar a percepção de si mesmo (PEUKER *et al.*, 2013).

Atualmente, predominam-se três modelos de Comunidade Terapêutica: religioso-espiritual, científico e misto. Medeiros e Monteiro (2015) através de pesquisas, concluem que na atualidade, a tendência das abordagens é de aproximar o sujeito da sua própria realidade na noção de eu, responsável por sua evolução. Com intuito de recuperar dependentes de drogas, os movimentos religiosos atuam na administração e na evangelização nas comunidades terapêuticas, seguindo o modelo de tratamento religioso (RIBEIRO; MINAYO 2015).

A Comunidade Terapêutica onde aconteceu a pesquisa é uma instituição mista, esta instituição segue a os parâmetros que constam Resolução nº 10114 da Agência Nacional de

Vigilância Sanitária (ANVISA, 2001). As Comunidades Terapêuticas são serviços prestados à população de forma geral, em localidades urbanas ou rurais, para atenção a indivíduos com problemas decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas. Neste sentido, a Comunidade Terapêutica em questão é uma instituição com registro federal, obedecendo às normas da Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas (FEBRACT, 2016). Estas normas são eticamente orientadas para a dignidade e o respeito da pessoa, o tratamento deve ser decidido de maneira voluntária e a oferta de ambiente propício, livre de violência, sexo e droga.

3 APRESENTAÇÃO DOS METODOS

O presente trabalho é de natureza descritiva e segundo Gil (2002) a pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição de características de uma população específica ou o estabelecimento de relação entre variáveis. Foram descritos os impactos causados pela dependência de drogas em mulheres com situação de internação em uma comunidade terapêutica da cidade de Sete Lagoas – MG e as possíveis contribuições da psicologia nas intervenções em grupo nesta população.

Em relação aos fins trata-se de um estudo qualitativo que segundo Marconi e Lakatos (2009), um estudo é qualitativo quando busca analisar e interpretar aspectos mais específicos, descrevendo o comportamento do ser humano em sua complexidade. E como na presente pesquisa, pretende-se analisar e interpretar os aspectos específicos inerentes às dependentes de drogas e as contribuições da psicologia realizadas em grupo, cabe utilizar-se deste método.

Quanto aos meios, foi realizado um estudo de caso, que se identifica com a metodologia qualitativa, pois se refere ao levantamento aprofundado de um caso ou grupo humano sob todos os seus aspectos. Porém, limitado por restringir-se apenas ao caso estudado, este estudo não pretende buscar generalizações (MARCONI; LAKATOS, 2009). O estudo de caso da pesquisa será um estudo de caso coletivo, que segundo (GIL 2002, p. 139), possui “[...] o propósito de estudar características de uma população”.

Como material de análise para a realização da pesquisa, foram selecionados artigos científicos com base na plataforma Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e do periódico científico *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando os seguintes descritores: dependência de drogas, comunidade terapêutica e psicologia. O período de publicação dos artigos restringe-se aos anos de 2012 a 2016.

Depois de deferida a autorização para a realização da pesquisa, foram convidadas a

participar da entrevista semi-estruturada seis internas em processo terapêutico que são atendidas pela instituição estudada. A Comunidade Terapêutica atende uma média de 10 mulheres dependentes de drogas que permanecem internadas por tempo distinto para cada caso. E para o presente estudo cinco mulheres, independente do estado civil, cor, religião ou raça aceitaram participar da pesquisa de forma livre, espontânea e sem quaisquer custos ou benefícios às mesmas.

Com o intuito de elaborar o presente trabalho de forma eficaz e relevante para os participantes, foram realizadas reuniões na instituição com a coordenadora e monitoras da Comunidade Terapêutica, com a finalidade de compreender a realidade do trabalho realizado na instituição, voltado para as internas. As informações transmitidas pelos profissionais que atuam na Comunidade Terapêutica apontaram as dificuldades enfrentadas pelas internas, formas de manejo na resolução de conflitos que foram observadas na Comunidade Terapêutica e pontos importantes a serem trabalhados.

Para Medeiros e Monteiro (2014), identificar pontos relevantes a serem trabalhados pode apresentar papel fundamental na utilização de técnicas interventivas. Desta maneira, a equipe técnica da Comunidade Terapêutica está envolvida na reeducação de habilidades sociais das internas, atentas nas nuances pertinentes a serem trabalhadas. Além disso, a equipe pretende auxiliar no desenvolvimento da conduta pessoal em detrimento da conduta disciplinar institucional, normas e regras da convivência em comunidade.

Na execução da pesquisa, as internas foram convidadas a participar de uma reunião na Comunidade Terapêutica, quando fora apresentado a proposta de trabalho. Antes de iniciar a participação, cada interna recebeu um Termo de Consentimento Livre Esclarecido apresentando informações sobre o estudo. Todas as participantes, individualmente, acompanharam a leitura do termo em voz alta e foram sanadas eventuais dúvidas. Após a compreensão de cada participante, foi solicitado que assinassem o termo que encontra-se no apêndice 1. Para manter o anonimato das entrevistadas optou-se por usar o recurso de chamá-las de interna 1, 2, 3, 4 e 5.

Para Gil (2002), o estudo de caso utiliza-se sempre de técnicas diferenciadas, obtendo dados através de procedimentos diversos, com o intuito de garantir a qualidade dos resultados obtidos. Neste sentido, foram adotadas diferentes técnicas de coletas de dados. Inicialmente foi realizada uma entrevista semi-estruturada, em seguida foram realizadas semanalmente intervenções em grupo, nas quais foram apresentados às internas, princípios básicos de aprendizagem que podem auxiliá-las com habilidades para lidar com o comportamento problema. E por fim, baseando-se nos dados coletados pela entrevista semi-estruturada, os

pesquisadores apresentaram para o grupo temas a serem discutidos, buscando obter compreensão das experiências vividas pelas internas e suas dificuldades de forma que com a partilha, pretendeu-se proporcionar a ajuda mútua em busca de lidarem melhor com suas questões problemas e emoções.

Durante as intervenções foram realizadas observações assistemáticas que segundo Markoni e Lakatos (2009, p. 276), consiste em “[...] recolher e registrar fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos ou perguntas diretas”. Após estas intervenções, realizou-se uma entrevista com questões estruturadas e semi estruturadas. Para análise de dados foi utilizado análise de conteúdo. Segundo Bardin (2004), esta análise pode ser entendida como um método de fragmentação de vários textos objetivando identificar regularidades nos mesmos, proporcionado ao pesquisador discutir todo o material textual.

Neste sentido, foram transcritas as entrevistas semi estruturadas e submetidas em três categorias, evidenciando palavras e seus possíveis padrões de repetição. As categorias utilizadas foram os fatores da ordem biológica, psicológica e social. Estas unidades categóricas proporcionaram explorar minuciosamente aspectos fundamentais da temática. De acordo com Souza *et al.*, (2013), para além dos problemas vivenciados pelos dependentes de drogas, os prejuízos psicobiológicos são grande de relevância em virtude dos efeitos da droga no organismo. E, se tratando da complexidade da dependência, deve-se considerar também as questões sociais relacionadas ao processo de dependência. Desta maneira, serão apresentadas qualitativamente as informações obtidas através dos diversos recursos metodológicos utilizados.

3.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente é necessário localizar a condição subjetiva em que a interna, dependente de drogas se encontra. Pois, a depender da comorbidade relacionada à dependência de drogas, a interna não adere ao tratamento. A pesquisa indicou uma evasão de 50% das internas que passaram pela Comunidade Terapêutica, participantes do grupo terapêutico. E das internas que participaram da entrevista semi estruturada houve um abandono ao tratamento de 33,33%. A análise do conteúdo teve como critério a transcrição das entrevistas e leitura exaustiva para identificar similaridades entre os dados coletados.

Rafaella e Tiago (2014) destacam que para os indivíduos na situação de dependência, comprometidos com sua recuperação, tenham maior potencial na retomada de atitudes positivas diante à mudança de hábitos. Os fatores tais como, percepção, atenção,

concentração, linguagem e raciocínio lógico denotam a priori o campo observacional de interesse na prática interventiva de orientação subjetiva das internas. Neste viés, para Rogers (1961/2009), é o momento que o cliente está tomando consciência de si, vivenciando sentimentos e experienciando de forma clara o que está acontecendo pelo encontro do eu consigo mesmo, que se estabelece a autenticidade.

Na diferenciação das falas evidenciadas pela apuração da entrevista semi estruturada foram utilizados as três palavras em destaque que obtiveram maior padrão de repetição. A interna de número 1 teve uma percepção em relação à sua condição de vida na drogadicção e seu papel em prol da recuperação. As perguntas norteadoras tiveram o papel de escuta livre dos impactos da droga para cada uma das internas. Chamaremos de nomes fictícios as internas como 1, 2, 3, 4 e 5. Dentre suas falas, podemos observar, entre outros aspectos, a influência familiar na situação problema com a seguinte passagem.

“[...] Aí meu pai estava doente na delegacia, tava doente lá na penitenciária Nelson Hungria, tava doente. Ele me pediu, sabe, pra fazer um trem pra ele que não é coisa pra falar com você nem com ninguém sabe. Aí eu pego e fiz essa coisa pra ele. Aí quando eu cheguei na, como é que fala? Aí eu fui a primeira vez bão, fui outra vez bão. Aí ele me deu cinquenta grama de maconha, sabe, pra fumar” (INTERNA 1).

Para além das teorias “[...] o profissional psicólogo deve promover acolhida livre e respeitosa, valorizando o ser humano e acreditando em seu potencial” (RAFAELLA; TIAGO, 2014, p. 80). O dependente de drogas marcado pela conduta inadequada é taxado por uma imagem preconceituosa de julgamentos. Neste sentido a acolhida torna-se de suma importância, transmitindo à interna o reconhecimento de si como responsável por suas escolhas. A conduta profissional deve estar pautada, neste aspecto, fundamentalmente na ética em detrimento do benefício para com a intersubjetividade do cliente.

Em questionamento sobre a relação que a interna estabelece com a droga, identificando o momento que busca por ajuda, para a pessoa acometida pela dependência na condição de interna é plausível pensar na segregação do sujeito vitimizado ou autor de seu próprio domínio. A interna 2 ressalta para a conjuntura proprioceptiva³ da seguinte maneira:

“[...]quando eu tava roubando muito. Supermercado, loja, tudo que eu, um chinelo que eu via eu fiz, passava a mão e entendeu? Aí eu comecei ficar, repreender, fiquei com medo. Cabeça de um drogado só ele que sabe, você chegar no fim do poço é daqui pra lá. Aí eu fui e me repreendi e pedi ajuda.

³ Proprioceptiva é o termo utilizado para a consciência da percepção do próprio corpo, do movimento, das mudanças de equilíbrio, englobando as sensações.

Pedi pelo amor de Deus que me tirasse, porque eu não aguentava mais ser escrava de um vício que destrói tanto a pessoa”. (INTERNA 2)

Gabatx (2013) descreve que o dependente sofre de perturbações biológicas e psicológicas, o que favorece a conduta atípica esperada pela sociedade. Observa-se que as dificuldades encontradas pelos usuários de drogas estão atreladas a fatores biopsicossocial, cultural e espiritual. Manter o pensamento paradigmático e cristalizá-lo tende a trazer dor e sofrimento, não constituindo ou proporcionando entendimento sobre as questões conflitantes. Para Pedroso (2013), é possível considerar que, dada as circunstâncias estabelecidas pelo ambiente, quando favorece a condição do consumo, o sujeito está fadado ao acaso. Podemos identificar através de suas narrativas acerca do percurso em busca por tratamento, assim como saliente a interna 3.

“[...] De tudo já me ajuda muito, eu não trabalho, só ficava deitada. Mal mal arrumava casa, entendeu. E tudo aqui me ajuda. O trabalho de exercício também ajuda muito, os doze passos está me ajudando demais[...]” (INTERNA 3).

A metodologia dos doze passos é uma estratégia central utilizada na grande maioria das Comunidades Terapêuticas. É um programa criado inicialmente para o tratamento de alcoolismo nos grupos de ajuda mútua mais especificamente os Alcoólicos Anônimos (AA) e foi estendido para muitos grupos e instituições que trabalham com os mais variados tipos de dependência de drogas e compulsões. Dentro da Comunidade Terapêutica, como característica, o programa proporciona através dos passos uma ampliação da consciência em relação ao comportamento problema, assim como pode ser considerado um momento de partilha entre os membros, e como temas discutidos no momento das reuniões. Esta é uma das ferramentas que o profissional de psicologia pode utilizar para desvelar as camadas subjetivas e proporcionar o encontro com o eu. Segundo Rogers (1957/2008), as condições para que ocorra uma mudança construtiva de personalidade são:

“Que duas pessoas estejam em contato psicológico; Que a primeira, a quem chamaremos cliente, esteja num estado de incongruência, estando vulnerável ou ansiosa; Que a segunda pessoa, a quem chamaremos de terapeuta, esteja congruente ou integrada na relação; Que o terapeuta experiencie consideração positiva incondicional pelo cliente; Que o terapeuta experiencie uma compreensão empática do esquema de referência interno do cliente e se esforce por comunicar esta experiência ao cliente; Que a comunicação ao cliente da compreensão empática do terapeuta e da consideração positiva incondicional seja efetivada, pelo menos num grau mínimo” (p. 157-158).

Neste sentido, a orientação profissional está diretamente estabelecida na relação do encontro terapêutico, nas condições teórico/práticas, a fim de proporcionar mudança de atitude no enfrentamento do comportamento da adicção. Nota-se na argumentação equivalente na dependência, os fatores disciplinares e o remodelamento no arranjo das atividades da vida diária. A interna 4 relata como a Comunidade Terapêutica está lhe ajudando, fornecendo normas para a reorganização da rotina, conforme fragmento abaixo:

“Ah, assim, acho que disciplinando né. A ter disciplina mesmo, ter hora para tudo, para acordar, ter hora certinha para acordar. Organização é, o que você pode ou não pode fazer, deve fazer né. Isso aí é chato né, complica a gente” (INTERNA 4).

Para as internas, nota-se que estabelecer um espaço fora dos moldes tradicionais pode provocar e/ou despertar a busca pela autenticidade no domínio de suas vidas. O sujeito consciente de suas próprias escolhas, mantém de forma estreita as possibilidades perante atitudes, de forma livre, da maneira que pensam, sem se preocupar com as diretrizes institucionais. Esse encontro terapêutico, de suma importância na terapia deve ser o marco de fusão interventiva. Fornecer a interna o espelho para que ela mesma se descubra como potência de possibilidades para mudança. (CARBONERA *et al.*, 2013). Este encontro pode ser evidenciado na fala da Interna 5:

“[...] E você está sendo a primeira pessoa a eu conversar esse assunto. Não teve ainda psicólogo que tirou isso de mim e é algo que eu tenho muito arrependimento. Estou melhor. O padre sabe e você. Parece assim, que eu estou leve né.” (INTERNA 5).

Verificou-se nesta pesquisa que a motivação para mudança é essencial para recuperação das internas. As técnicas terapêuticas poderão ajudar as internas a progredir em direção às ações e manutenção, uma vez que elas estão em evolução e já visualizam uma possibilidade de mudança. Há ainda, entre outras técnicas interventivas, um desafio em estabelecer estratégias de fortalecimento para motivação da mudança, uma vez que constatamos diferentes variáveis evidenciadas com o tipo de droga de preferência e convívio entre pares vigentes (SOUZA *et al.*, 2013).

Targino (2016) destaca o tratamento oferecido nas Comunidades Terapêuticas com preceitos religiosos concomitante com o tratamento técnico científico, trabalhando nesta metodologia, as ações e seus efeitos. Os doze passos são uma estratégia central, utilizada em grande parte das Comunidades. A saber, o primeiro passo propõe que a dependente admita o

problema e a perda de controle estabelecida com o uso da droga. O segundo e terceiro passos, despertam a crença em um poder superior e a entrega dos desejos e vontade aos cuidados do poder superior. Neste sentido, percebe-se a resignificação dos ideais de vida das internas.

Fundamentalmente, para Rhan (1995), o quarto passo propõe um inventário moral da vida pregressa, resgatando na memória situações conflituosas que marcaram e precisam ser resolvidas. Já no quinto passo, a observância da condição humana de erro, assumindo a responsabilidade pelas atitudes. No sexto e sétimo passos, o reconhecimento das condutas problema, e o remodelamento dos ideais. Oitavo passo há de estabelecer o resgate da autonomia, reinserção social, reconhecimento em forma de empatia. O nono passo visa resgatar a vivência com familiares, em comunidade e demais envolvidos, através da reparação dos danos.

O décimo, décimo primeiro e décimo segundo passos, estabelecem o contínuo trabalho da evolução, de aprendizado, admissão e reconhecimento de si em relação ao outro. É ainda orientado a reflexão, auto exame de consciência, mudança de atitude e estratégias de enfrentamento de recaídas. Respectivamente, o contato com outros adictos em tratamento, fornece ao dependente confiança para enfrentar o mundo novo, sem o consumo de substâncias psicoativas (RAHM, 1995).

Há ainda nas intervenções de grupos terapêutico o olhar apurado para compreensão da realidade de cada interna, que segundo Fonseca *et al.*, (2014), cabe ressaltar que as atividades em grupo terapêutico visam aumentar a adesão ao tratamento. Já para Silva *et al.*, (2016), o grupo terapêutico na Comunidade Terapêutica tem por função avaliar a condição geral da dependente de drogas, a fim de traçar metas para o desenvolvimento individual na instituição. Além disso, nos grupos outras são as funções tais como atividades educacionais, oficinas e dinâmicas orientadas para o autocuidado, autoconhecimento e promoção de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apontou que o profissional em psicologia, pode contribuir de forma ativa na acolhida das internas, elaborando a entrevista inicial, oferecendo atenção individualizada na adaptação, sessões psicoterápicas semanais, grupos terapêuticos com temas específicos, orientação e intervenções. Desta maneira, são diversos aspectos que agregam a vida do indivíduo aumentando a probabilidade de adesão ao tratamento. Contudo, vale ressaltar que dentro dos aspectos biológicos, a hereditariedade tem representatividade na questão genética. O metabolismo do corpo, o potencial da substância, a tolerância do indivíduo e a presença da

síndrome de abstinência são fatores biológicos relevantes no processo da dependência. Destaca-se ainda, que estes aspectos não são determinantes isolados nem se sobrepõe aos demais fatores para se estabelecer a dependência de drogas.

Os fatores psicológicos tiveram considerável representatividade na pesquisa, foram relatadas dificuldades em enfrentar problemas do cotidiano, como frustrações, traumas de infância, quadros depressivos e uma gama de influências da estrutura psicológica reveladas no decorrer da pesquisa. Nada isoladamente pode determinar o quadro da dependência, conotam as partes de um conjunto de influências para que a pessoa possa estabelecer a dependência de drogas.

Os fatores sociais são diversos, e incluem desde o ambiente familiar que favorece e possibilita a entrada da droga na vida da pessoa, o contato via amigos, vizinhos e o tráfico de drogas próximo de casa. A questão das propagandas por via da mídia favorece o consumo de substâncias lícitas que se mostraram relevantes no estudo. Dito isso, a somatória destes fatores pode ser considerado *a priori*, desencadeante para a pessoa se tornar dependente de drogas. Foram levantados ainda, questões de cunho espiritual, tal qual a pessoa tenha interesse em despertar para a vida para além da compreensão, busca da paz, encontro com uma religião e crença em um poder superior.

Concomitantes com o trabalho na pesquisa foram partilhados sobre os problemas cotidianos, a manifestação dos ideais de experiências subjetivas de cada interna, e estas perceberam o momento de acolhida em que proporciona a autenticidade de admitir limitações e potencialidades. Como instrumento de trabalho, a metodologia doze passos para narcóticos anônimos mantém contato estreito com a realidade das envolvidas. Nas intervenções terapêuticas em grupo, o psicólogo deve conhecer o programa doze passos, acompanhar o momento das partilhas, orientando caso necessário, elaborar planos de reabilitação individualizados e estar atualizado quanto aos avanços científicos acerca do assunto.

A demanda de atuação para o psicólogo nesse campo ainda é pouco estudada, ficando como sugestão de futuros trabalhos acadêmicos este tema de grande relevância social. O psicólogo imerso neste contexto pode estabelecer uma conduta favorável para com o manejo interventivo na Comunidade Terapêutica através do respeito às diferenças individuais, assegurando o momento de acolhida e incentivando a motivação. Outras formas de conduta são também aqui consideradas, como o exame das condições gerais da interna, realizando encaminhamentos se necessário e participar ativamente das atividades terapêuticas.

Conclui-se que o plano estratégico terapêutico individualizado pode ter maior eficácia no tratamento da dependência de drogas na Comunidade Terapêutica. Identificando forças e

fraquezas, potencializando qualidades e minimizando o comportamento problema através de técnicas interventivas. Assim, o profissional em psicologia pode inferir intervenções de acordo com a especificidade da interna, com uma visão ampliada da concepção de mundo estabelecida pela relação com a droga. Todavia, o psicólogo que atua na Comunidade Terapêutica, pode contribuir para o tratamento e reinserção social desta população.

REFERÊNCIAS

ANVISA. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária**. Resolução - RDC nº 101, de 30 de maio de 2001. Diário Oficial da União 2001; 31 maio.

ANDRETTA, I.; OLIVEIRA, M. S. **A entrevista motivacional em adolescentes usuários de droga que cometeram ato infracional**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 24(2), 218-226. 2011.

BARDIN, L. (2009). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.

BRASIL. **Portaria nº 3088, de 23 de dezembro de 2011**. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Ministério da Saúde, 2011a. Disponível em: <<http://www.brasilsus.com.br/legislacoes/gm/1112763088.html>>. Acesso em: 18 de novembro 2016.

CARBONERA A.; SILVA D. G.; NASCIMENTO M. I.; LEGAL E. J. **Dando Voz a Mulheres em Tratamento da Dependência de Substâncias Psicoativas**. Revista de Psicologia da IMED, Jul.-Dez., 2013, v. 5, n. 2, p. 109-114.

CFP. **Relatório da 4ª Inspeção Nacional de Direitos Humanos: locais de internação para usuários de drogas**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011. Disponível em http://www.crpsp.org.br/portal/midia/pdfs/Relatorio_Inspecao_Direitos_Humanos.pdf. Acessado 02/12/2016.

Classificação de Transtornos mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organiz. Mund. Da Saúde; trad. Dorgival Caetano. – Porto Alegre: Artmed, 1993

DAMAS, F.B. **Comunidades Terapêuticas no Brasil: expansão, institucionalização e relevância social**. Rev Saude Publica. 2013; 6(1):50-65.

DAGNONI, J. M.; GARCIA A. **Dependência química, amizade e desenvolvimento humano**. Revista Interinstitucional de Psicologia, 7 (1), jan - jun, 2014, 17-26.

FEBRACT. **Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas**. Disponível em: www.febract.org.br. Acessado em 10/10/2016.

FONSECA F., N.; GONDIM A., P., S.; FONTELES M., M., F. **Influência dos grupos terapêuticos em Centro de Atenção Psicossocial entre usuários com dependência de cocaína/crack**. SAÚDE DEBATE. RIO DE JANEIRO, V. 38, N. 102, P. 551-561, JUL-SET

2014.

GABATZ, R.I.B.; SCHMIDT, A.L., TERRA, M.G., Padoin S.M.M., Silva A.A. e Lacchini A.J.B. **Percepção dos usuários de crack em relação ao uso e tratamento.** Ver. Gaúcha Enferm. 2013;34(1):140-146.

Gil, A. C. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. Ed. São Paulo: **Editora Atlas S. A.**, 2002

HERZOG, A.; WENDLING, M. I. **Percepções de psicólogos sobre os familiares durante o tratamento de dependentes químicos.** Aletheia 42, p.23-38, set./dez. 2013.

MARANGONI S. R., OLIVEIRA M. L. F. **Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres.** Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2013 Jul-Set; 22(3): 662-70.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2009

MEDEIROS R. **Construção social das drogas e do crack e as respostas institucionais e terapêuticas instituídas.** Saúde Soc. São Paulo, v.23, n.1, p.105-117, 2014

MEDEIROS, R. de M. B.; MONTEIRO T. S. **Dependência Química e Abordagem Centrada na Pessoa: Contribuições e Desafios em uma Comunidade Terapêutica.** Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies – XX(1): 77-85, jan-jun, 2014

PACHECO, A. L.; SCISLESKI, A. **Vivências em uma comunidade terapêutica.** Revista Psicologia e Saúde, v. 5, n. 2, jul. /dez., p. 165-173. 2013.

PEDROSO R. S.; KESSLER F.; PECHANESKY F. **Treatment of female and male inpatient crack users: a qualitative study.** Trends Psychiatry Psychother. 2013;35(1) – 36-45

PERRONE, P. A. K. **A comunidade terapêutica para recuperação da dependência do álcool e outras drogas no Brasil: mão ou contramão da reforma psiquiátrica?** Ciência & Saúde Coletiva, 19(2):569-580, 2014.

PEUKER, A. C., LOPES, F. M., MENEZES, B. P., CUNHA, S. M., BIZARRO, L. **Processamento Implícito e Dependência Química: Teoria, Avaliação e Perspectivas.** Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan - Mar, Vol. 29 n. 1, pp. 7-14. 2013.

PRADO, M. A. M.; QUEIROZ I. S. **A emergência da politização da intimidade na experiência de mulheres usuárias de drogas.** Estudos de Psicologia, 17(2), 305-312. 2012.

RAFAELLA M. DE M. B. ; TIAGO M. S. **Dependência química e abordagem Centrada na pessoa: Contribuições e Desafios em uma Comunidade terapêutica.** Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies – XX(1): 77-85, jan-jun, 2014

RAHM, H. J. **Os Doze Passos Para os Cristãos: Jornada Espiritual com Amor-Exigente.** São Paulo: Loyola, 1995.

RIBEIRO, F. M. L.; MINAYO, M. C. S. **As Comunidades Terapêuticas religiosas na recuperação de dependentes de drogas: o caso de Manguinhos.** RJ, Brasil. 2015; 19(54):515-26.

RODRIGUES, R. A.; Max, R. L. **Subjetividade e Política Sobre Drogas: Considerações Psicanalíticas.** Revista EPOS; Rio de Janeiro – RJ; Vol.3, nº 1. 2012.

ROGERS, C. R. (2008). **As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica da personalidade** (J. Doxey, L. M. Assumpção, M. A. Tassinari, M. Japur, M. A. Serra, R. Wrona, S. R. Loureiro & V. Cury, Trad.). In J. K. Wood (Org.). *Abordagem centrada na pessoa* (4ª ed., pp.155-177). Vitória: Edufes. (Originalmente publicado em 1957).

ROGERS, C. R. (2009). **Tornar-se pessoa (6ª ed.).** (M. J. do C. Ferreira & A. Lamparelli, Trads.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1961).

SCADUTO, A. A.; BARBIERI, V.; SANTOS, M. A. **Comunidades terapêuticas para dependentes de substâncias psicoativas: avaliação dos resultados do tratamento.** Revista Psicologia: Teoria e Prática, 16(2), 156- 171. São Paulo, SP, maio-ago. 2014.

SILVA E., R.; FERREIRA A., C., Z.; BORBA L., O.; KALINKE L., P.; NIMTZ M., A.; MAFTUM M., A. **Impacto das drogas na saúde física e mental de dependentes químicos.** Cienc Cuid Saude 2016 Jan/Mar; 15(1):101-108

SIMARA, P. N. O tratamento **da dependência química e o ordenamento jurídico brasileiro.** *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, 17(2), 342-356, jun. 2014

SOUSA, P. F.; RIBEIRO, L. C. M.; MELO, J. R. F.; MACIEL, S. C.; OLIVEIRA, M. X. **Dependentes Químicos em Tratamento: Um Estudo sobre a Motivação para Mudança.** *Temas em Psicologia*, Vol. 21, nº 1, 259 – 268. 2013.

TARGINO J. **Características de uma comunidade católica carismática no atendimento a dependentes químicos: estudo de caso.** REFLEXUS - Revista de Teologia e Ciências das Religiões. Ano IX, n. 15, 2016/1

VENOSA, P. A. S. **Grupos psicoterapêuticos de mulheres dependentes químicas: questões de gênero implicadas no tratamento.** Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Jan.-Jun. 2011, Vol. 12, No. 1, pp. 56-65.